

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esatq.usp.br/hfbrasil

ESPECIAL FRUTAS



Brasil tem
potencial para ser
mais forte no
mundo das frutas!



CURTA A HORTIFRUTI BRASIL NO FACEBOOK!

@revistahortifrutibrasil

Notícias de HF todos os dias em sua timeline!



Amistar[®] Top

O fungicida especialista em prevenir manchas e cuidar da saúde de suas frutas e vegetais.



- Duplamente sistêmico
- Controle superior com alta seletividade
- Registro para 29 frutas e vegetais

Informe-se sobre e realize o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br

Dr. Amistar Top



 **Amistar[®] Top**

syngenta.

Como sobreviver em tempos de crise da batata?



Achei muito interessante o Especial Batata, mostra a realidade dos produtores de modo geral. Infelizmente, em tempos de baixa, temos que contar com a sorte.
Oseano Bezerra de Araújo – Simplício Mendes/PI

Muito relevante a edição, uma vez que traz ao leitor o real momento de cada atividade e segmentos de hortifrúti no Brasil. O alto valor dos insumos vem sendo o maior vilão devido ao dólar, visto que são comercializados com base na moeda norte-americana. Acredito que aumentar a produção por área cultivada pode ser uma estratégia para reduzir os custos.
Jurandir Montanher – Nova Londrina/PR

CAPA 08



A edição deste mês traz um estudo da competitividade das principais frutas brasileiras exportadas aos Estados Unidos e à União Europeia. Um balanço do câmbio após às eleições presidenciais também é apresentado na matéria.
Confira!

SEÇÕES

CENOURA		16
TOMATE		17
BATATA		18
CEBOLA		19
ALFACE		20
MELÃO		22
MANGA		23
MELANCIA		24
CITROS		26
MAÇÃ		27
UVA		28
MAMÃO		29
BANANA		30

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Letícia Julião, Fernanda Geraldini Palmieri, Marina Marangon Moreira e Marcela Guastalli Barbieri

Editora Executiva:

Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Alessandra da Paz Mtb: 49.148

Revisão:

Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:

Ana Beatriz de Salles Roselino, Ana Raquel Mendes, Andréa Cimino Gonzalez Rodrigues, Caroline Ribeiro, Eduarda da Costa Pinheiro, Fernanda Geraldini Palmieri, Gabriel Coneglian Barbosa, Gabriel Pacheco de Carvalho Oliveira, Heitor Araujo Cintra Inacio, Isabela Camargo Gonçalves, Laleska Rossi Moda, Lavínia da Cunha Canto Morais, Lenise Andresa Molena, Luana Maria Martins Guerreiro, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariane Novais Olegário de Souza e Rodolfo Fernandes Hackmann

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808

Fax: 19 3429-8829

hfbrasil@cepea.org.br

www.hfbrasil.org.br

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

ACESSE O SITE E CURTA AS REDES SOCIAIS DA HF BRASIL!



FRUTAS BRASILEIRAS SÃO COMPETITIVAS, MAS PODEM SER AINDA MAIS



Fernanda (esq.), Marcela, Letícia, Gabriel, Ana Beatriz, Rogério e Mariane são da equipe de frutas e autores deste Especial

O Brasil vem se tornando cada vez mais competitivo no cenário internacional das frutas, especialmente para mamão, manga, melão, limão/lima e melancia. A alta competitividade desses produtos, por sua vez, se deve à produção brasileira elevada (que gera excedente exportável), à boa qualidade (favorecida muitas vezes pelo clima tropical) e aos baixos preços.

Apesar disso, o faturamento obtido com as exportações de frutas ainda está bem abaixo do registrado pelos principais concorrentes brasileiros. Para 2018, projeção do Hortifruti/ Cepea indica que a receita com os embarques deve somar US\$ 740 milhões, 3% acima da obtida em 2017, mas inferior aos US\$ 2 bilhões arrecadados por ano pelos cinco maiores exportadores de frutas do mundo (Estados Unidos, Equador, China, Chile e Espanha).

Para os próximos anos, projeções indicam que o câmbio deve ficar a favor dos exportadores e que a demanda internacional deve crescer. E esse contexto mostra que o setor precisa se unir em busca de apoios de entidades, de promoções das frutas brasileiras no mundo e de diversificação de seus demandantes internacionais.

Outro motivo que poderia elevar o faturamento com as vendas externas nos próximos anos é que algumas das frutas brasileiras mais competitivas internacionalmente, como a manga e mamão, são exportadas para nichos de mercado dos Estados Unidos e da União Europeia, o que mostra que o potencial de crescimento para esses destinos é muito alto.

FRUIT LOGIS TICA

2019

6|7|8 DE FEVEREIRO BERLIN



fruitlogistica.com

Produce Marketing
Comunicação e
Promoções Ltda
Rua Inglaterra
283 - Jd. Europa
01447-020 São Paulo
SP - Brasil
Tel + 55 14 98124 9929
produce@psl.com.br

FRUITNET

Messe Berlin

Equipe da HF Brasil realiza palestra de maçã no RS

Letícia Julião e Marcela Barbieri, da equipe de frutas do Hortifrut/ Cepea, estiveram no Rio Grande do Sul no começo de outubro em evento promovido pela Bayer. No dia 09, as pesquisadoras ministraram palestra sobre o atual panorama do mercado de maçã aos produtores de Vacaria e, no dia 10, em Caxias do Sul.



Cepea participa de workshop de fruticultura em MG



Caroline Ribeiro, Gabriel Pacheco e Marcela Barbieri, analistas de mercado de frutas do Hortifrut/Cepea, participaram da segunda edição do Workshop de Fruticultura, realizado nos dias 17 e 18 de outubro em Jaíba (MG). Os analistas ministraram palestras no primeiro dia do evento sobre o atual panorama do mercado e perspectivas para lima ácida tahiti, manga e banana.



Antônio Moteleski Olchel - Araucária (PR)



Enzo Yusuke Kamiya - Biritiba Mirim (SP)



Gabriel e Luiza Madeira Barreto - Nova Viçosa (BA)



Igor Cordeiro Dantas e Renato Ramalho Dantas Neto - Ribeira do Amparo (BA)

Valorize seu pequeno na agricultura!



A campanha continua!

Mande fotos da criançada para publicarmos nas próximas edições!

hfbrasil@cepea.org.br

ou pelo WhatsApp (19) **99128.1144!**



Lucas Oliveira de Holanda Maia - Limoeiro do Norte (CE)



Maria Marques Firmato de Almeida - Uruçuca (BA)



Maria Marques Firmato de Almeida e Zizimo Marques - Uruçuca (BA)



William Costa Júnior - Jandaia do Sul (PR)

Tomate Indeterminado Salada F3

Astuto

**Maior pacote
de resistências**



F1

- Resistência ao TYLCV, TSWV, TMV, Fol 0-2, N, As, Pi



CALL CENTER
(54) 2109 4444

 **FELTRIN**
SEMENTES



sementesfeltrin.com.br



Feltrin Sementes



@feltrinsementes



ESPECIAL FRUTAS

Brasil tem potencial para ser mais forte no mundo das frutas!

Se somados os faturamentos obtidos com os embarques das principais frutas nacionais, como manga, melão, lima/limão, uva, mamão, melancia, banana e maçã, o Brasil ocupa a 16ª posição no *ranking* dos maiores exportadores desses produtos do mundo (o cálculo foi feito com base em dados da FAO, sigla em inglês para Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura). Os Estados Unidos e o Equador, por exemplo, registram faturamento quatro vezes acima do obtido pelo Brasil com as exportações desse grupo de frutas.

No entanto, o País ainda tem potencial para aumentar sua competitividade e subir muitas posições desse *ranking*. No geral, o termo competitividade deve ser compreendido como a capacidade de um país fornecer um produto com mais vantagens do que os demais ofertantes – pela maior qualidade e/ou preço mais atrativo. Essa vantagem dá ao país uma parcela maior de mercado.

Nesse sentido, para aumentar a competitividade, estão a favor do Brasil a produção elevada de algumas frutas (que gera excedente exportável), a boa qualidade (favorecida pelo clima e manejo adequado) e os baixos preços. Por outro lado, os gargalos que são enfrentados por exportadores nacionais, tais como infraestrutura e logística precárias, pouca promoção das frutas e ausência de novos acordos bilaterais, limitam a competitividade.

Analisando-se algumas frutas isoladamente, como mamão, melão e manga, os atuais faturamentos com as vendas externas são bastante elevados, o que posiciona o Brasil dentre os cinco maiores exportadores desses produtos no mundo – ou seja, a competitividade está alta. Já para a banana e maçã, o volume de frutas comercializado internacionalmente pelo País ainda é baixo, mas o potencial de crescimento é alto. Confira a seguir análise detalhada da competitividade das oito frutas mais exportadas pelo Brasil.

RANKING DOS PRINCIPAIS EXPORTADORES DE FRUTAS*

EXPORTADORES	1°	2°	3°	4°	5°
	Estados Unidos	Equador	China	Chile	Espanha
PRINCIPAIS FRUTAS					
Total (US\$ Bilhões)	US\$ 2,8	US\$ 2,7	US\$ 2,4	US\$ 2,2	US\$ 2,1



US\$ 600 milhões*

* Soma das exportações das seguintes frutas selecionadas: manga, melão, lima/limão, uva, maçã, mamão, melancia e banana.

Fonte: FAO (2016). Elaboração: Hortifruti/Cepea

Buscando qualidade e produtividade?

Confira o portfólio que a FMC disponibiliza para a fruticultura!

Inseticidas

Altacor[®]

inseticida

powered by
RYNAXYPYR[®]
ingrediente ativo

Premio[®]

inseticida

powered by
RYNAXYPYR[®]
ingrediente ativo

Benevia[®]

inseticida

powered by
CYAZYPYR[®]
ingrediente ativo

TALSTAR[®]
100 EC

Verimark[®]

inseticida

powered by
CYAZYPYR[®]
ingrediente ativo

Malathion[®]
1000 EC

Fungicidas

Signal[®]

 **REGALIA MAXX[®]**

 **Galben[®] M**

Nutrição

Crop+

Bionemática

QUARTZO

SEMEANDO E CULTIVANDO A VIDA, *Juntos*



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Siga as recomendações de controle e restrições estaduais para os alvos descritos na bula de cada produto. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE
UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

FMC



/fmcagricola



/FmcAgricolaBrasil



/fmcagricola

Copyright © Outubro 2018 FMC. Todos os direitos reservados.

fmcagricola.com.br



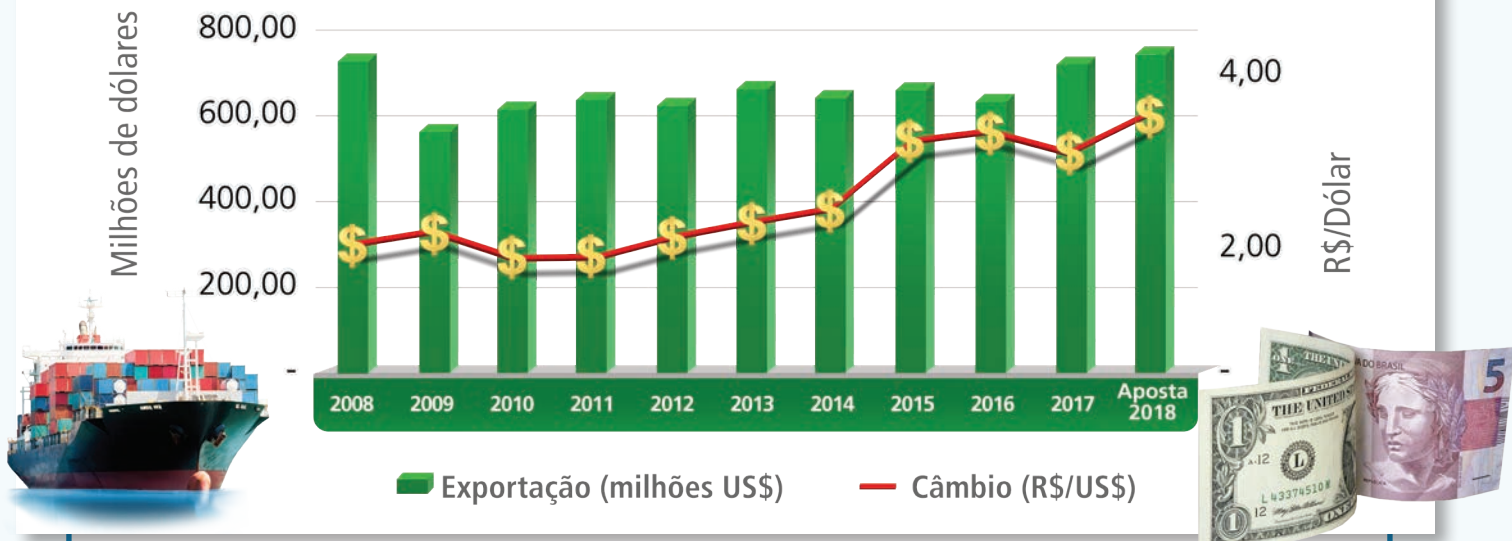
COMO MEDIR A COMPETITIVIDADE?

A competitividade pode ser medida por diversos índices, mas o de mais fácil aplicação é o de **Vantagem Comparativa Revelada (VCR)**, introduzida por Béla Balassa (economista húngaro) em 1965. O índice de vantagem comparativa mensura o desempenho de determinado produto na pauta de exportações de um país frente ao desempenho mundial. No geral, o índice VCR acima de 1 mostra que o produto é competitivo e abaixo de 1, que não é. Se o VCR apresentar um crescimento, indica que houve aumento da competitividade ao longo dos anos. Nas próximas páginas, foi calculado o VCR para as oito frutas mais exportadas pelo Brasil. Os dados de receita de exportação por fruta brasileira da Secex apresentados a seguir referem-se ao ano de 2016 para efeitos de comparação com os dados globais da FAO.

FATORES QUE INFLUENCIAM NA COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL DE UM PAÍS:

- **ECONOMIA:** taxas de câmbio (R\$/US\$) e crescimento econômico (PIB) dos principais compradores são as principais variáveis. Há uma correlação direta entre a evolução das exportações e a taxa de câmbio, já que a fruta nacional fica mais barata quanto mais valorizada é a moeda norte-americana. Outro fator que contribui ou inibe os embarques é o crescimento/desaquecimento econômico dos compradores. A crise de 2008-2012 prejudicou as exportações, enquanto que a recente retomada da economia global tem favorecido o comércio externo.
- **RECURSOS E INFRAESTRUTURA:** o Brasil tem muitas vantagens na questão de recursos naturais, mas tem precária infraestrutura (especialmente logística) e baixa produtividade na mão de obra, fatores que prejudicam a competitividade das frutas brasileiras.
- **CONDIÇÕES GOVERNAMENTAIS:** iniciativas do governo podem favorecer as exportações de um país, especialmente quando há políticas de proteção, de promoção e de subsídios. Além disso, o governo pode dar suporte por meio de formação técnica, de estímulos à pesquisa e ao desenvolvimento e de infraestrutura (especialmente de escoamento do produto, com rodovias e portos).
- **GESTÃO:** práticas administrativas eficientes e flexíveis ao mercado resultam em diferenciação e em inovação. E essas particularidades dos produtos de cada empresa, por sua vez, podem favorecer a competitividade individual do exportador dentre os demais agentes do mesmo setor.

DÓLAR ALTO, EXPORTAÇÕES POSITIVAS



Nota: Os dados de exportação são da Secex (total de frutas) e a aposta de 2018 foi realizada considerando-se a evolução das exportações neste ano e a estimativa do câmbio (Relatório Focus, do Banco Central).

Fonte: Secex e Banco Central



MAMÃO: A FRUTA MAIS COMPETITIVA DO BRASIL!

ALTA COMPETITIVIDADE

VCR = 13

(2014-2016)

us\$ 31 milhões

(receita exportação BR)

**2º maior
exportador global**

dos anos, enquanto os concorrentes México e Equador perderam espaço. Os principais motivos para o ganho de competitividade foram:

- ★ **Profissionalização:** a partir do surgimento da Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Papaya (Brapex), o mamão brasileiro se fortaleceu em âmbitos nacional e internacional, com maior reconhecimento de sua qualidade.
- ★ **Tecnologia:** investimentos nesta área beneficiaram a

Dentre as frutas consideradas nesta matéria de capa pela **Hortifruti Brasil**, o índice de competitividade mostra que o mamão tem forte vantagem no cenário internacional frente aos seus concorrentes. O Brasil é o **2º maior exportador global** de mamão em termos de receita (FAO, 2016), atrás

apenas do México. É, ainda, o maior fornecedor da fruta para a União Europeia, que é destino de cerca de 85% dos embarques brasileiros de mamão. As principais regiões exportadoras são norte do Espírito Santo e Rio Grande do Norte, mas as demais praças produtoras também têm explorado o mercado internacional.

COMPETITIVIDADE:

houve expansão da competitividade das exportações brasileiras de mamão ao longo

produção e favoreceram o desenvolvimento de infraestrutura nas regiões exportadoras. A mudança no foco da produção em variedades mais produtivas (formosa) também influenciaram positivamente os embarques.

- ★ **Calendário de oferta:** a disponibilidade da fruta durante todo o ano permitiu cativar clientes externos, especialmente os da União Europeia.
- ★ **Demanda cativa da UE:** o fato de praticamente não ter grandes concorrentes nos envios a este destino também favorece as exportações brasileiras. Destaca-se que o México e a Guatemala, outros dois importantes exportadores mundiais de mamão, focam na comercialização com os Estados Unidos, devido especialmente a facilidades logísticas.



MANGA: ALTAMENTE COMPETITIVA NO MERCADO EXTERNO

ALTA COMPETITIVIDADE

VCR = 7

(2014-2016)

us\$ 180 milhões

(receita exportação BR)

**5º maior
exportador global**

Apesar de apresentar um índice menor em relação a concorrentes importantes, como México e Peru, estes países têm apresentado desempenho decrescente nos anos recentes. Os principais motivos para o ganho de competitividade foram:

- ★ **Profissionalização:** nos últimos anos, houve maior organização do setor exportador, inclusive com a atuação de cooperativas e associações. Além disso, a cadeia tem conseguido se adequar às exigências exter-

A crescente demanda do mercado internacional tem mantido a manga na primeira posição dentre as frutas mais exportadas pelo Brasil (em termos de receita). A principal região exportadora é o Vale do São Fran-

cisco (PE/BA), mas o norte de Minas Gerais também tem explorado o mercado externo nos últimos anos. Inclusive, por conta do potencial exportador das duas regiões, aumentos de área têm ocorrido ano a ano nestas praças.

COMPETITIVIDADE:

o índice de competitividade indica que o Brasil sempre teve vantagem na oferta do seu produto ao mercado externo.

nas dos principais compradores.

- ★ **Tecnologia:** o setor investiu em tecnologia de produção (irrigação, ferramentas para ganho de produtividade e produção precoce, adoção de novas variedades mais demandadas, entre outros), em beneficiamento (maiores números de *packing houses* e capacidade de resfriamento e armazenamento) e em logística (estruturação de aeroportos).
- ★ **Calendário de oferta:** as regiões conseguem colher – e, conseqüentemente, exportar – o ano todo, apesar de ainda haver um período de maior oferta, entre setembro e novembro.
- ★ **Demanda externa:** a expansão da demanda nos principais mercados (União Europeia e EUA) tem favorecido os embarques nacionais.

MELÃO: BRASIL DOMINA O MERCADO EUROPEU NA ENTRESSAFRA ESPANHOLA



ALTA COMPETITIVIDADE

VCR = 7

(2014-2016)

US\$ 149 milhões

(receita exportação BR)

4º maior

exportador global

de melão nos últimos anos. A Espanha é a maior fornecedora de melão à União Europeia e, quando o país está em entressafra, é o Brasil quem se torna o maior ofertante ao bloco. Vale lembrar que alguns países da América Central registram elevada produção e competitividade, mas destinam sua fruta aos Estados Unidos, que, por sua vez, não são o maior foco do Brasil atualmente. Pesam sobre o ganho de competitividade do País:

★ **Profissionalização:** a estrutura de mercado está bem consolidada no RN/CE, com atuação de empresas mé-

O melão ocupa o 2º lugar no ranking de frutas brasileiras com maior geração de receita e o 4º na classificação mundial (FAO, 2016). Isso porque a produção da fruta no País tem o mercado externo como seu principal destino. Enquanto no Vale do São Francisco (BA/PE) a pequena produção fo-

ca o consumo doméstico, a maior região produtora do Brasil (Rio Grande do Norte/Ceará) destina quase 80% de sua área ao mercado internacional. Os envios são realizados entre agosto e maio, período de entressafra nos países do hemisfério Norte (em especial da União Europeia, principal consumidora do melão brasileiro).

COMPETITIVIDADE: a evolução do VCR indica que o Brasil ganhou competitividade nas exportações

dias e grandes profissionalizadas na cultura. Enquanto as grandes comercializam sozinhas internacionalmente, as médias se estruturam em ações coletivas (como *pools* e cooperativas).

★ **Tecnologia:** os investimentos em tecnologia de produção e beneficiamento tornaram o Brasil reconhecido internacionalmente por fornecer fruta de alta qualidade. Além disso, a diversificação nas variedades cultivadas e exportadas tem favorecido os embarques (apesar de o melão amarelo continuar como o principal).

★ **Calendário de oferta:** como o Brasil é um dos principais fornecedores de melão à União Europeia, a entressafra da Espanha garante ao País uma janela de mercado de sete meses.



LIMÕES E LIMAS:

COMPETITIVOS DESDE 2005

MÉDIA COMPETITIVIDADE

VCR = 2

(2014-2016)

US\$ 90 milhões

(receita exportação BR)

10º maior

exportador global

competitivo no exterior (VCR menor que 1), mas a partir daquele ano passou a ganhar mais espaço. Em alguns períodos específicos, como em 2014, a menor produção em importantes países, como México e Argentina, também refletiu positivamente na competitividade brasileira. Os principais motivos para o ganho de competitividade foram:

★ **Profissionalização:** produtores adequaram a produção a normas de importadores.

O volume destinado ao mercado externo ainda é baixo perto da produção nacional. A quantidade embarcada em 2016, por exemplo, correspondeu a apenas 8% do total colhido pelo Brasil,

considerando-se os dados da Secex e do IBGE. O País produz e embarca basicamente a lima ácida tahiti, sendo São Paulo, Bahia e Minas Gerais os principais estados produtores e exportadores da fruta.

COMPETITIVIDADE: o índice mostra que houve ganho de competitividade nas exportações de limões e limas. Até 2004, o País era considerado pouco

★ **Tecnologia:** houve aumento da produção nacional do "limão" tahiti (segundo o IBGE, o volume colhido cresceu 31% de 2004 para 2017) e investimentos em estrutura beneficiadora da fruta.

★ **Demanda externa:** a União Europeia, principal destino da fruta brasileira, e também outros países aumentaram a demanda pela lima ácida tahiti nos últimos anos.

★ **Poucos concorrentes:** basicamente, o México é o maior concorrente do Brasil, já que outros importantes produtores focam principalmente o limão siciliano e não a lima. Vale lembrar que o México, apesar de ser forte nos envios ao bloco europeu, prioriza o comércio com os Estados Unidos, tanto por questões logísticas quanto por acordos comerciais.

MELANCIA: CRESCIMENTO RECENTE E EM RITMO ACELERADO



MÉDIA COMPETITIVIDADE

VCR = 1,3

(2014-2016)

us\$ 21 milhões

(receita exportação BR)

10º maior

exportador global

portações de melancia nos últimos anos, ficando acima de 1 a partir de 2014. Os principais motivos para o ganho de competitividade foram:

- ★ **Profissionalização:** os pequenos e médios produtores estão se organizando em cooperativas e mais empresas estão entrando no setor.

A exportação de melancias brasileiras registra pequena participação de 2% na receita obtida com os envios de frutas, segundo dados da Secex (2016). A produção da minime-lancia sem semente, principal tipo exportado, se concentra na região do Rio

Grande do Norte/Ceará. Nesta praça, praticamente todo o volume é destinado à exportação, majoritariamente para a União Europeia. O período de envio é, principalmente, de agosto a março, na entressafra da Espanha – principal produtor de melancias na Europa.

COMPETITIVIDADE: o índice mostra que houve aumento de competitividade nas ex-

- ★ **Tecnologia:** foram verificados investimentos principalmente focados em irrigação, uso de sementes híbridas e, mais recentemente, na adoção de controle biológico de pragas e doenças.

- ★ **Demanda externa:** o consumo de melancia tem crescido na Europa, inclusive em detrimento do melão. Além de o sabor da melancia estar agradando consumidores, o preço mais acessível beneficia o mercado da fruta.

UVA: JANELA RESTRITA E FORTE CONCORRÊNCIA LIMITAM COMPETITIVIDADE



BAIXA COMPETITIVIDADE

VCR = 0,65

(2014-2016)

us\$ 66 milhões

(receita exportação BR)

16º maior

exportador global

xa competitividade está atrelada aos seguintes fatores:

- ★ **Grandes players:** após a finalização da safra da Itália e da Grécia, verifica-se uma janela atrativa de demanda na União Europeia no segundo semestre de cada ano, mas países como Peru, Turquia e Namíbia fornecem a fruta nesse período ao bloco. Diante disso, aumentou muito a concorrência da uva brasileira no

A uva brasileira tem baixa representatividade internacional, correspondendo por apenas 1% do volume negociado no mundo. Isso ocorre porque grandes *players*

operam neste mercado, sobrando pouca janela para a fruta nacional. Ainda assim, a principal região brasileira exportadora de uva é o Vale do São Francisco (BA/PE).

COMPETITIVIDADE: a competitividade brasileira nas exportações esteve baixa nos anos recentes – com o VCR abaixo de 1 e em poucos períodos acima de 1. Essa bai-

mercado europeu. Nos Estados Unidos, a janela para o Brasil também é estreita, já que há um maior prolongamento da safra da Califórnia e do México.

- ★ **Clima no Brasil:** a uva é muito sensível às variações climáticas. Apesar das vantagens da produção no Vale do São Francisco, períodos mais chuvosos nos últimos anos durante a colheita reduziram a produtividade e a qualidade da fruta. Desde 2017, porém, as exportações de uva do Brasil vêm ganhando um pouco de espaço, favorecida pela diversidade de variedades que podem ser produzidas no primeiro semestre. Assim, o Brasil começa a estender o seu calendário de exportação e mostra que tem potencial para aumentar sua competitividade nos próximos anos.

MAÇÃ: APESAR DE NOVOS COMPRADORES, COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL É BAIXA



POUCO COMPETITIVO

VCR = 0,31

(2014-2016)

us\$ 43 milhões

(receita exportação BR)

28º maior

exportador global

Mesmo tendo compradores alternativos, como Bangladesh, Oriente Médio e Índia, a maçã brasileira ainda tem baixa participação

na pauta de exportação de frutas. Além disso, o mercado interno absorve a maior parte da produção da fruta, tendo baixo excedente exportável.

COMPETITIVIDADE:

a competitividade da maçã brasileira em âmbito internacional é baixa. Somente em alguns períodos, por conta de quebras de safras externas, é que o

País conseguiu ampliar pontualmente as exportações. Os motivos para a baixa competitividade brasileira são:

★ **Elevada concorrência:** grande concorrência global, tendo em vista que a maçã é uma fruta amplamente produzida tanto no hemisfério Norte quanto no Sul.

★ **Compradores produtores:** os grandes compradores mundiais, Estados Unidos e União Europeia, produzem muita maçã. O bloco europeu é o principal comprador da maçã brasileira e tem grande capacidade de armazenamento da própria fruta em período de entressafra (primeiro semestre). Esse contexto restringe uma maior demanda pela fruta brasileira.

★ **Janela restrita:** no primeiro semestre, o Brasil concorre com Nova Zelândia, Chile, África do Sul e Argentina pelo mesmo mercado, o europeu. Vale ressaltar que a Nova Zelândia é a principal fornecedora da maçã à União Europeia (de fora do bloco).



BANANA: FORTE PRESENÇA DE MULTINACIONAIS DESFAVORECE COMPETITIVIDADE DO BRASIL

POUCO COMPETITIVO

VCR = 0,18

(2014-2016)

us\$ 18 milhões

(receita exportação BR)

34º maior

exportador global

O Brasil está em 4º lugar no ranking de países produtores de banana (FAO, 2016), ficando atrás apenas da China, Índia e Filipinas. Apesar disso, a participação do País é baixa em âmbito internacional, mes-

mo com o consumo crescente da fruta em países desenvolvidos. Com isso, é a aquecida demanda doméstica que acaba sustentando o setor bananeiro no Brasil, visto que é a fruta mais consumida no País.

COMPETITIVIDADE:

a evolução do índice mostra que a banana brasileira não é competitiva no mercado internacional. Entre

2011 e 2016, houve crescimento de 12% na importação de banana do continente Europeu, sendo que, nesse mesmo período, o Brasil perdeu espaço naquele bloco. Os principais motivos pela baixa competitividade são:

★ **Grandes players:** o comércio internacional de banana é controlado por poucas e grandes empresas multinacionais, que têm parcerias (e algumas vezes produzem)

com países da América Central. Devido à alta escala de comercialização, essas empresas registram custos, especialmente logísticos, muito competitivos.

★ **Qualidade:** é um fator que pode ter reduzido a competitividade para os envios à Europa e ao Mercosul. Como os embarques à Europa saem do Rio Grande do Norte/Ceará, a crise hídrica que se arrasta por anos resultou em perda de padrão das frutas para o destino. Já ao Mercosul, a comercialização da banana do norte de Santa Catarina, principal exportador ao bloco, ainda é de baixo valor agregado, com frutas de médio padrão e embaladas em caixas de madeira. Esse fator acaba favorecendo a fruta de outros países que investem mais em qualidade, como o Equador.

PASSADAS AS ELEIÇÕES, QUAL SERÁ O VALOR DO DÓLAR?

Por Margarete Boteon

O dólar é uma das variáveis econômicas que mais influenciam a rentabilidade econômica das exportações de frutas. Sua oscilação nos últimos anos foi significativa e isso gera incertezas quanto à rentabilidade futura dos exportadores. A maior dúvida é se o Real pode se valorizar a ponto de impactar negativamente no comércio externo. Logo após o segundo turno das eleições,

o dólar comercial chegou a ser negociado abaixo dos R\$ 3,60. No geral, as instituições que fazem previsão da moeda norte-americana não projetam câmbio abaixo de R\$ 3,00 nem para o curto e muito menos médio prazo. No entanto, as apostas são de um câmbio mais baixo nos próximos meses e de Real mais valorizado no médio prazo (a partir de 2019).

R\$ 3,70: Projeção do dólar para dezembro/18

A valorização do Real no curto prazo deve-se ao otimismo do mercado quanto ao próximo presidente, dada a promessa de uma agenda econômica mais liberal. No entanto, esse valor pode oscilar à medida que os anúncios do próximo governo quanto às reformas fiscais agradem ou não as expectativas de mercado. Por ora, a XP Investimentos, uma das maiores corretoras do País, em seu relatório de outubro/18, avalia que o mercado está em “lua de mel” com o resultado das eleições: “em relação ao dólar, ele pode cair no curto prazo para o nível de R\$ 3,50 a R\$ 3,70. O Boletim Focus, divulgado no dia 5 de novembro pelo Banco Central, projeta dólar a R\$ 3,70 para dezembro de 2018.

Para 2019, projeções indicam dólar entre R\$ 3,70 e R\$ 4,00

A XP Investimentos projeta um dólar mais valorizado para 2019: “vemos os R\$ 3,70 e R\$ 4,00/US\$ para 2019 como mais adequado dado o cenário de risco externo”. A razão de que o câmbio poderá ser maior em 2019 deve-se muito mais aos fundamentos externos. A melhora da economia e a alta dos juros nos Estados Unidos fazem com que o Real se desvalorize em relação à moeda dos EUA no médio prazo.

Além dos fatores externos, o cenário brasileiro também vai continuar influenciando nas oscilações do dólar no próximo ano. Se as reformas, especialmente a da Previdência, conseguirem ser aprovadas rapidamente, a XP projeta um câmbio inclusive abaixo dos R\$ 3,80 previstos pelo Boletim Focus para 2019. Por outro lado, se as reformas não forem aprovadas, a corretora acredita que o dólar pode subir muito mais que as projeções iniciais e superar os R\$ 4,00. ■



PROJEÇÕES DO DÓLAR – R\$/US\$

Projeções	2018	2019	2020	2021
Dezembro	3,70	3,80	3,78	3,86

Fonte: Banco Central (1º/11/2018)

Frescor do
CAMPO À MESA



Conserve o melhor da colheita com nossas soluções em EPS (isopor®) para o agronegócio.

BENEFÍCIO PARA TODA CADEIA:

- ✓ Aumento do shelf-life
- ✓ Redução do desperdício
- ✓ Eficiência no transporte e armazenamento
- ✓ EPS (isopor®) 100% reciclável

Agende já uma visita com nossa equipe e surpreenda-se!

47 3451.2666

www.termotecnica.com.br

[/termotecnicaBR](https://www.facebook.com/termotecnicaBR)



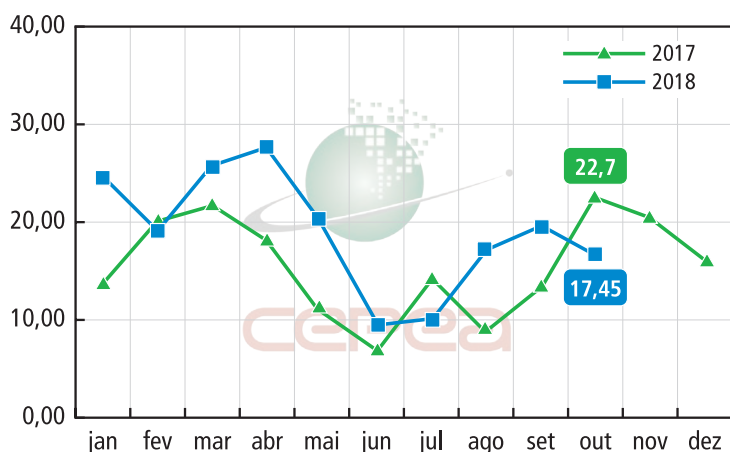
foto: Ricardo Galvagni Brasília - Cristalina (GO)

Preços podem cair, mas rentabilidade ainda deve ser positiva

Volume de cenouras pode ser maior em novembro

A oferta de cenouras na região de São Gotardo (MG) pode se elevar em novembro e pressionar as cotações. O motivo é o acúmulo de raízes que não foram vendidas em outubro e ainda permanecem nos galpões ou não foram retiradas das roças. Além disso, a produtividade está bastante elevada na praça: o rendimento das variedades de inverno alcançou média de 105 t/ha em outubro, 9,3% acima de setembro. A maior disponibilidade no mercado no mês passado acarretou em desvalorização das raízes: a caixa de 29 kg de cenoura “suja” foi comercializada a R\$ 17,45, valor 11,8% abaixo do de setembro. Mesmo com a queda, os preços se mantêm satisfatórios e a rentabilidade foi positiva em 121%. Esse cenário se deve à redução da oferta nacional, por causa da diminuição da área plantada em algumas regiões produtoras (GO, RS e BA) e a um menor adensamento (quantidade de plantas por hectare), com a finalidade de pulverizar as roças de maneira mais efetiva. O manejo mais eficiente tem contribuído para menor incidência de doenças, favorecendo a boa qualidade das raízes na região. Além disso, o clima está auxiliando no desenvolvimento das raízes, porém, a chuva em excesso em outubro atrapalhou o plantio das variedades de verão 2018/19 e algumas áreas tiveram que ser replantadas.

Intensificação tardia da colheita eleva oferta no PR



Os preços da cenoura na região de Marilândia do Sul (PR) podem apresentar leve queda em novembro frente ao mês anterior, devido à intensificação tardia da colheita da safra de inverno 2018. Em outubro, o volume colhido já foi maior e a caixa de 20 kg de cenoura do tipo “AAA” foi vendida a R\$ 25,45 em média, valor 8,6% abaixo dos de setembro. Na parcial da safra de inverno 2018 (julho a outubro), os valores ficaram 35,2% acima dos da temporada anterior. Por outro lado, os custos de produção tiveram leve aumento de 23,5%, devido à alta nos preços do diesel e do adubo. Outro fator que impacta nos custos de produção é a quantidade de cenouras que são descartadas por causa dos lavatórios rudimentares da região paranaense, que acabam “quebrando” as raízes no processo de lavagem. O plantio da temporada de verão 2018/19, que começou em setembro, foi prejudicado pelas chuvas em excesso, mas até o momento não atrasaram o calendário da safra. Há uma preocupação com os resultados da próxima temporada caso as precipitações permaneçam intensas, pois o solo encharcado pode acarretar em problemas de desenvolvimento das cenouras que serão colhidas no verão.

Preços podem se elevar novamente na BA

A expectativa para Irecê (BA) é de mais um mês com preços em alta. A oferta de cenouras deve permanecer reduzida em novembro, devido à diminuição de área na atual safra de inverno. No mês passado, as cotações se elevaram em 33,8% e a caixa de 20 kg de cenoura “suja” foi vendida a R\$ 19,75, garantindo rentabilidade positiva de 97,5%. A produtividade está satisfatória: as variedades híbridas tiveram rendimento de 45,3 t/ha, enquanto as OP atingiram média de 32,2 t/ha. O plantio da safra de verão 2018/19 atrasou e se iniciou apenas em outubro, com bom andamento até o fechamento desta edição. Segundo colaboradores, a proporção das variedades mais produtivas (híbridas) tende a aumentar na praça baiana, porém, o processo ainda é lento.

Com alta produtividade, preço cai em outubro

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea





foto: Seu Didi - Sumaré (SP)

Colheita da temporada de verão se inicia

Em novembro, os primeiros tomates da temporada de verão 2018/19 devem ser ofertados. As regiões de Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES), Nova Friburgo (RJ), Agreste (PE) e Reserva (PR) colherão neste mês, juntas, o correspondente a cerca de 6% da área total da safra. Apesar do início das atividades, a oferta na praça paulista deve ser ainda menor neste início de temporada frente ao que é tipicamente registrado. No ano passado, os produtores que colheram entre novembro e dezembro tiveram prejuízo, pois o mercado ainda estava com excesso de oferta do final da safra de inverno. Assim, o plantio foi menor no início desta temporada. Além disso, as poucas áreas transplantadas em agosto apresentaram problemas com larva-minadora e viroses (transmitida por tripes), o que deve comprometer a produtividade das primeiras lavouras. Já Reserva optou por adiantar o calendário, concentrando a maior parte do volume para este mês, na tentativa de “fugir” da disponibilidade elevada no início da safra de Caçador (SC). Venda Nova do Imigrante, por sua vez, deve iniciar a colheita a partir da segunda quinzena de novembro, junto com algumas últimas roças da temporada de inverno.

Neste mês, 2ª parte da safra de inverno tem pico de colheita

As praças da segunda parte da safra de inverno entram em pico de safra em novembro, ofer-

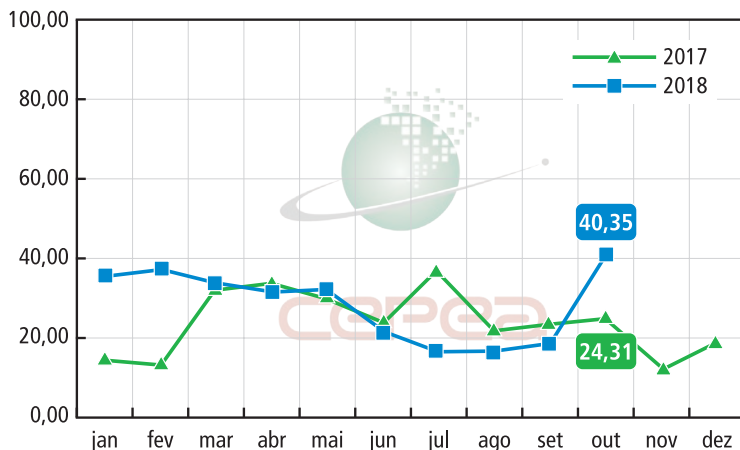
tando cerca de 45% das áreas. A região de Sumaré (SP), por exemplo, deve disponibilizar cerca de 70% do volume total. Já em Paty do Alferes (RJ), as últimas roças devem ser colhidas, com produtividade média 16% maior em relação à primeira parte, uma vez que os problemas fitossanitários estão mais controlados, chegando a 310 caixas/mil pés. O norte paranaense deve colher 40% da área em novembro e finalizar o restante da área em dezembro.

Araguari se prepara para encerrar temporada

A região mineira de Araguari deve colher as últimas roças em novembro, correspondendo a cerca de 7% da área total da safra. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, devido ao inverno atípico, com temperaturas mais altas, a maturação dos tomates foi mais acelerada que o esperado, concentrando a oferta em junho, julho e agosto, elevando a disponibilidade no período. Como consequência disso, o ciclo das plantas diminuiu, antecipando o final da safra para novembro, quando o usual é até dezembro.

Após forte alta em outubro, preço deve recuar

Com a intensificação da segunda parte da safra de inverno em novembro e o início da temporada de verão, as cotações do tomate podem registrar queda em novembro. Em outubro os preços do tomate salada longa vida subiram expressivamente. O 3A foi comercializado na Ceagesp a R\$ 80,88/cx de 20 kg na média do mês, valor 112% maior que em setembro. Entre 15 e 19 de outubro foram registradas as maiores altas, o 3A foi comercializado na Ceagesp a R\$ 97,03/cx de 20 kg na média desse período. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a maturação mais lenta, devido às temperaturas mais amenas durante a formação do fruto, elevou as cotações. Aliado a isso, muitas roças da primeira parte da safra de inverno estavam encerrando o ciclo.



Preços são 66% maiores que outubro/17

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea





foto: Fresh Plaza

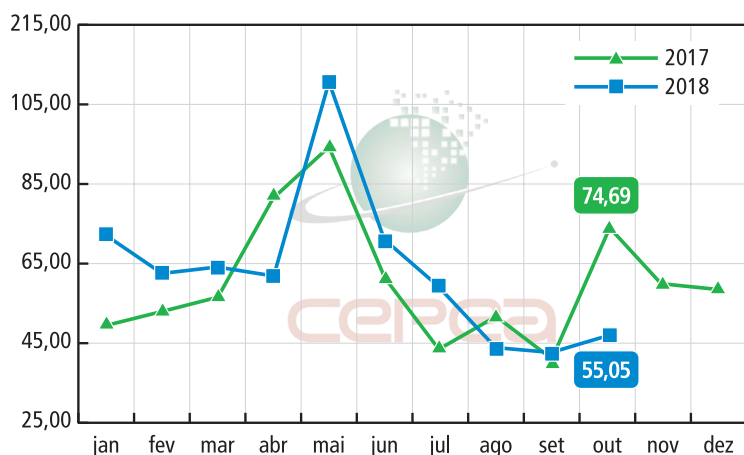
**Com El Niño,
safra no PR
pode seguir
com chuvas
acima da média**

Chuvas em excesso podem afetar produtividade das águas

Após o baixo volume de precipitações ter atrasado o início do plantio da safra das águas entre agosto e o início de setembro em regiões do Paraná, como Curitiba e Ponta Grossa, agora, é o excesso de chuvas que passa a prejudicar a temporada paranaense. Em Curitiba, o acumulado médio de chuvas, segundo o Inmet, foi de 278,4 mm em outubro e, em Ponta Grossa e São Mateus do Sul, de 267,6 mm e 324,8 mm, respectivamente. De acordo com agentes consultados pelo Hortifruti/Cepea, até o final de outubro, além de atraso nos plantios, o excesso de chuvas já causou danos à produção; porém, ainda não foi possível avaliar os possíveis prejuízos. Se o clima se mantiver chuvoso, conforme previsto, o cenário pode se agravar. A má notícia é que, para essa primavera e verão, o fenômeno climático *El Niño* (com chuvas acima da média no Sul do País e abaixo da média no Norte e Nordeste) deve ocorrer. Com a atuação do fenômeno prevista já neste último trimestre do ano, e com pico em pleno verão, de dezembro a fevereiro, as chuvas devem permanecer acima da média nas praças paranaenses por toda a safra, o que deve dificultar o controle fitossanitário.

Expectativa é de novembro “azul” na bataticultura

Apesar de ainda haver uma área expressiva para ser colhida neste final de safra de inverno, principalmente em Cristalina (GO), a expectativa para



Preços sobem 31% em relação a setembro

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

os preços em novembro é mais positiva do que a de 2017. Um dos motivos é que o Sul de Minas Gerais, que normalmente tem área significativa para ser colhida e ofertada nesse período, teve acentuada redução nos plantios deste ano, devendo ofertar bem menos. Além disso, o Paraná que também costuma disponibilizar batata ao mercado em novembro, devido ao atraso no plantio e à redução de área cultivada, deve ofertar volume pouco significativo neste mês. Com isso, os preços não devem recuar de forma expressiva, podendo, inclusive, subirem.

Safra de inverno está próxima do final no Sudoeste Paulista

O Sudoeste Paulista deve encerrar sua safra de inverno entre o fim novembro e a primeira quinzena de dezembro, com 35% da área para ser ofertada nesse período. Até outubro, a produtividade e a qualidade do tubérculo foram bastante satisfatórias, superando os resultados do ano passado. Na média parcial da safra, entre setembro e outubro, a produtividade foi de 38 t/ha, 18% maior que no ano passado, que teve média de 32 t/ha. Os preços da ágata beneficiada fecharam em R\$ 31,16/sc de 50 kg em setembro, valor 53% abaixo dos custos de produção, que fecharam em R\$ 47,73. O valor recuou em setembro devido ao pico de safra em Vargem Grande do Sul e Cristalina, mas subiu em outubro, com o final da safra paulista. Em novembro, mesmo que as cotações recuem, a baixa não deve ser acentuada como aconteceu no mesmo mês do ano passado, porque a disponibilidade de outras regiões deve ser menor no período.

El Niño pode agravar déficit hídrico na Chapada Diamantina

A escassez de chuvas na região baiana, cenário que vem sendo registrado há oito anos, pode ser agravada nos próximos meses, devido ao *El Niño* – caracterizado por chuvas abaixo da média no Nordeste. Em alguns dias de outubro, houve bom volume de precipitações, mas, mesmo assim, foi insuficiente para suprir a necessidade de água da região.





foto: Diego Vandresen - Ituporanga (SC)

Começa a colheita de cebolas no Sul do País

Em novembro, as regiões de Ituporanga (SC), Lebon Régis (SC) e Irati (PR) iniciam a colheita de cebolas – vale ressaltar que tanto em Santa Catarina como no Paraná, a estiagem prejudicou o transplante e o gasto com irrigação foi maior elevando os custos de produção. Já em São José do Norte (RS), a atividade começou no final de outubro e as chuvas intensas e as altas temperaturas na praça gaúcha aumentaram a proliferação de bactérias e fungos, sendo necessária maior aplicação de produtos fitossanitários. As adversidades climáticas durante o plantio e o desenvolvimento dos bulbos podem impactar na produtividade das cebolas que serão colhidas a partir deste mês. Além disso, a produção no Sul pode ser ainda mais prejudicada pela alta probabilidade de ocorrência do *El Niño* durante o verão 2018/19. Caso o cenário se confirme, as perdas podem ser altas, devido às chuvas esperadas justamente no período de colheita. Desta forma, a expectativa é que o volume não seja elevado nesta temporada, apesar do leve aumento de área frente à safra 2017/18.

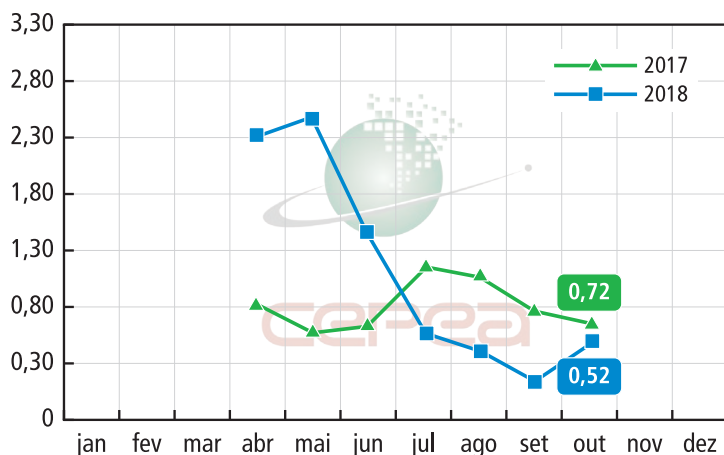
Safra chega ao fim no Cerrado

A colheita de cebolas nas regiões de Minas Gerais e Goiás praticamente foi finalizada em outubro, restando apenas uma pequena parcela para a primeira quinzena de novembro. Em 2018, a área plantada de cebola no Cerrado aumentou significativamente em relação a 2017, reflexo dos bons

resultados obtidos no ano anterior, que capitalizou os produtores. O aumento na área plantada somado à produtividade satisfatória elevaram a oferta disponível na temporada 2018, pressionando as cotações bruscamente entre agosto e outubro. Aqueles produtores que conseguiram realizar as vendas entre maio e junho obtiveram rentabilidade satisfatória, pois a disponibilidade no primeiro semestre ainda era baixa – nesse período, a cotação média foi de R\$ 34,00/kg da caixa 3 beneficiada, enquanto os custos foram de R\$ 0,64/kg. Já para o período de agosto a outubro, o preço médio foi de R\$ 14,00/kg, equivalendo ao valor do custo. Como boa parte dos produtores concentra a oferta no segundo semestre, a grande maioria teve prejuízos nesta temporada. Com isso, a expectativa para a safra 2019 é de redução da área destinada ao cultivo de cebola na região do Cerrado.

Temporada holandesa deve ser menor em 2019

A produção de bulbos na Holanda deve se reduzir significativamente na safra 2018/19, segundo colaboradores consultados, devido às altas temperaturas e à oferta excedente em anos anteriores. A redução pode trazer reflexos positivos ao Brasil, uma vez que a Europa se tornou uma importante fornecedora de cebolas nos últimos anos. Nos anos de 2017 e 2018, as cebolas holandesas tiveram participação significativa no Brasil, uma vez que a Rússia, país que mais importava cebola holandesa, declarou embargo sobre os produtos alimentícios com origem europeia. Neste período, os bulbos chegavam ao Brasil com bastante competitividade, uma vez que a oferta no bloco era excedente e o envio era realizado por frete de retorno, o que barateava bastante o custo da importação. Para reduzir o impacto para os produtores brasileiros, em 2018, a cebola com origem da União Europeia passou a ser taxada por meio da Lista de Exceção à Tarifa Externa Comum (Letec). Com isso, a presença de cebola importada no País já se reduziu a partir deste ano e deve ser ainda menor em 2019, devido à queda da produção



Baixa oferta eleva cotações em Irecê

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea





foto: José Carlos - Ribeirão Preto (SP)

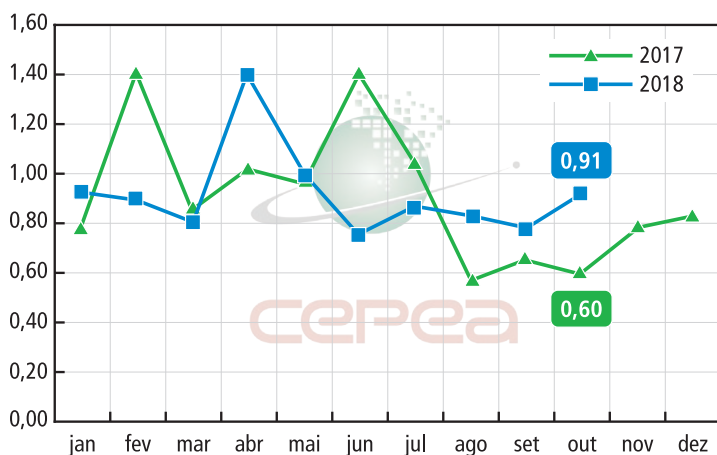
Alface deve se valorizar em novembro

Proximidade do verão pode elevar demanda

O verão costuma ser a época de maior procura pelas folhosas. Com a proximidade dessa estação, a tendência é que a demanda pelas alfaces cresça gradualmente em novembro. No início de outubro, a oferta se manteve elevada e a demanda não foi suficiente para absorver o volume produzido, cenário que pressionou, mais uma vez, os preços nas regiões paulistas de Ibiúna e Mogi das Cruzes (SP). Como o clima mais quente reduziu o ciclo de desenvolvimento das folhosas, o período de colheita dos lotes mais novos e dos mais antigos foi o mesmo – o que aumentou o volume de folhosas e elevou os descartes nas lavouras neste período. Porém, as chuvas se intensificaram a partir da segunda semana do mês, acarretando em uma oferta reduzida de alfaces nos mercados. A qualidade das alfaces se manteve satisfatória na maior parte do mês; porém, alguns produtores relataram casos de queima das bordas – devido às temperaturas mais altas – e mela, por conta da maior umidade ocasionada pelas altas precipitações. As chuvas no mês de outubro, no entanto, elevaram o abastecimento dos reservatórios de água, despreocupando os produtores locais com a estiagem. Como a expectativa é de preços mais elevados, o mercado de mudas também deve se aquecer em novembro.

Maior oferta limita altas em MG

Em outubro, as cotações de folhosas não reagiram em Mário Campos (MG), mas há expectativa de



preços mais elevados em novembro. O baixo volume de chuvas na região durante a primeira quinzena do mês manteve a oferta elevada, pressionando os valores. No entanto, a partir da segunda quinzena, as chuvas foram se tornando intensas e periódicas, reduzindo a oferta e a qualidade. Mesmo assim, na média mensal, as alfaces se desvalorizaram: o preço da cresa em Mário Campos foi de R\$ 7,66/ cx com 20 unidades, baixa de 6,52% frente a outubro. Para novembro, a oferta de folhosas pode se reduzir, devido às condições climáticas típicas de verão (temperaturas elevadas e maior volume de chuvas) e à redução do transplante durante o inverno e o início da primavera. Com isso, as cotações podem se elevar em novembro na região mineira.

Chuvas reduzem qualidade e oferta; altas devem continuar em novembro

Com clima mais quente e chuvas intensas, as alfaces se valorizaram em outubro no atacado de São Paulo, cenário que deve permanecer em novembro. O motivo é que a oferta disponível de folhosas para comercialização se reduziu na Ceagesp. Em relação à qualidade, muitas alfaces apresentaram problemas com mela e foram prejudicadas pelos maiores volumes de chuvas em São Paulo. Além disso, na primeira quinzena de outubro, choveu granizo em regiões isoladas, o que reduziu ainda mais a oferta e a qualidade das alfaces. Assim, o preço da cresa foi de R\$ 13,26/cx com 24 unidades, alta de 7,55% frente a setembro. A americana, por sua vez, teve média de R\$ 16,36/ cx com 18 unidades, aumento de 17,49% no mesmo comparativo. As hidropônicas, tiveram um aumento considerado de vendas no final do mês, em razão da baixa qualidade das alfaces da roça – principalmente as variedades americana e lisa – também obtendo preços mais atrativos. Para novembro, a procura deve ser maior – devido às maiores temperaturas esperadas - e as condições climáticas de verão podem reduzir ainda mais a oferta, elevando os preços das alfaces.

Americana tem alta em outubro

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade



Fonte: Cepea



ECO-SHOT, PROTEÇÃO CONTRA FUNGOS DA LAVOURA ATÉ A MESA

ihara.com.br

ECO-SHOT é o fungicida biológico inédito da IHARA. Ele protege a sua plantação por mais tempo porque pode ser aplicado até o dia da colheita.



IHARA
BIOLÓGICO
QUE FUNCIONA



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na embalagem. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Eco-shot 

IHARA

**Agricultura
é a nossa vida**



Produtividade aumenta na parcial da safra 2018/19

Chuvas recuperam produção no RN/CE

As chuvas ocorridas no primeiro semestre de 2018 favoreceram a produção de melão no Rio Grande do Norte/Ceará na parcial desta temporada (agosto a setembro). Como resultado, a produtividade da variedade amarela aumentou 24% no período, alcançando a média de 2,2 mil caixas por hectare. Segundo produtores, as maiores disponibilidade e qualidade da água (redução da salinidade) favoreceram a colheita, principalmente nos primeiros meses da safra. Para novembro, melonicultores ainda esperam que a produtividade se mantenha elevada na região, apesar do possível aumento na incidência de mosca-minadora. Vale lembrar que a ocorrência desta praga se intensifica em períodos secos e de temperaturas elevadas. Por isso, produtores devem ficar atentos ao manejo, principalmente se o fenômeno *El Niño* se concretizar no verão 2018/19. Por enquanto, as temperaturas do segundo semestre se mantêm favoráveis ao cultivo de melões de alta qualidade.

Melonicultores se preparam para mercado de fim de ano

Produtores de melão devem iniciar a colheita da fruta em novembro, visando abastecer o mercado para o fim de ano. Dentre as regiões produtoras, o Vale do São Francisco (PE/BA) deve ofertar a fruta principalmente no mercado interno, enquanto o Rio Grande do Norte/Ceará deve focar no interna-

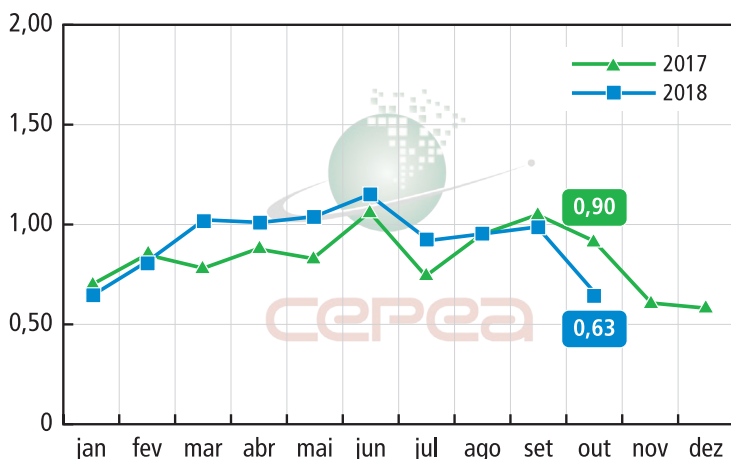
cional. Se por um lado as festividades devem impulsionar a comercialização apenas em dezembro no Brasil, o volume de melão embarcado ao exterior pode aumentar ainda na segunda quinzena de novembro – quando a demanda da Europa deve crescer e garantir bons preços aos produtores da praça nordestina. Até outubro, a oferta de melões no RN/CE estava elevada, principalmente durante a primeira quinzena, o que pressionou as cotações nas roças. Com isso, o melão amarelo dos tipos 6 e 7 se desvalorizou 12% na praça, fechando o mês com média de R\$ 18,96/cx de 13 kg.

Menor oferta de nobres deve impulsionar as cotações

O volume de melões nobres deve diminuir no mercado interno em novembro, impulsionando as cotações. Isso porque se as exportações seguirem conforme o planejado, os embarques dessas variedades devem aumentar, reduzindo assim a oferta doméstica. Na parcial da safra 2018/19 (agosto a outubro), as vendas do gália e do cantaloupe vêm apresentando os melhores desempenhos no mercado europeu. No Brasil, o excesso de nobres pressionou as cotações na Ceagesp em outubro, exceto para a variedade orange, que manteve uma oferta menor durante todo o mês, com preço 20% superior ao do mesmo período de 2017. Já no fim do mês, as cotações das variedades nobres se normalizaram, devido ao maior volume enviado ao mercado externo.

Melão perde quase 1/3 da área em Castilla-La Mancha

A safra de melão finalizou em Castilla-La Mancha (Espanha) e a previsão é de redução de área para a campanha de 2019 – perdendo cerca 1/3 dos 6.500 ha plantados nesta. Isso porque essa região, que foi a última a ofertar no mercado espanhol, enfrentou grandes dificuldades financeiras, apesar do início favorável. Segundo notícia do *Fresh Plaza*, 70% da produção local foi vendida a valores muito baixos, o que resultou na menor rentabilidade deste ano.



Com alta concorrência, preços do amarelo caem 30% no Vale

Preços médios de venda do melão amarelo a granel (kg) no Vale do São Francisco (PE/BA)

Fonte: Cepea





foto: Moacir Brito - Jaíba (MG)

Maior oferta nacional pode pressionar cotações

Safra paulista começa a ganhar força

Iniciada no fim de outubro, a colheita de manga no interior de São Paulo deve começar a ganhar ritmo neste mês. A safra teve início com alguns produtores colhendo a tommy, fruto da florada natural, e outros, em menor quantidade, colhendo alguns talhões de palmer, nos quais foram aplicados métodos de indução. Em novembro, as praças de Monte Alto/Taquaritinga (SP) e Valparaíso/Mirandópolis (SP) começam a colher também a palmer em maior volume, podendo pressionar as cotações. Entretanto, segundo produtores paulistas, a oferta da manga do estado não deve ser tão elevada se comparada ao volume que deve ser colocado no mercado em dezembro. É importante salientar que a disponibilidade deve ser irregular, podendo apresentar recuo no volume colhido em relação à temporada anterior. Para alguns agentes do setor, esse cenário pode refletir em preços mais altos do que normalmente são vistos durante o fim do ano. Na média de outubro, as cotações da tommy paulista estiveram 33% acima dos valores no início da safra em 2017, a R\$ 1,00/kg.

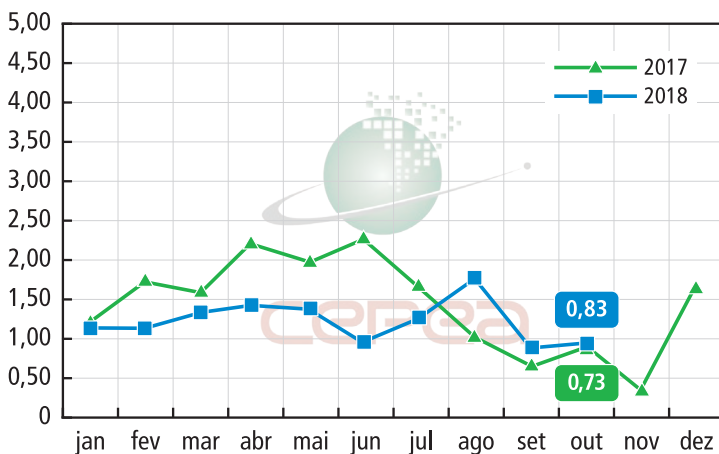
Rentabilidade média pode seguir em queda neste mês

O ano de 2018, apesar de positivo, tem sido menos animador para mangicultores que tiveram resultados extraordinários em 2016 e 2017. Devido aos preços mais baixos e custos mais elevados ao

longo deste ano, a rentabilidade da mangicultura tem sido pressionada, e pode continuar em queda nos próximos meses. As cotações foram mais baixas desde o início do ano, quando nas praças de Petrolina/Juazeiro (PE/BA) e Jaíba/Janaúba (MG), a incidência de problemas fitossanitários comprometeu a qualidade da fruta, limitando as exportações e os preços. Logo em seguida, a paralisação dos caminhoneiros esfriou o mercado, que, desde então, não se recuperou como o esperado. Ao mesmo tempo, o dólar se valorizava, elevando os custos. Assim, de janeiro a outubro, na região de Petrolina/Juazeiro (PE/BA), o preço médio da palmer ficou 78% acima dos custos unitários, enquanto que no mesmo período do ano passado, as cotações foram 212% maiores que os gastos. Ainda assim, a cultura continua dando bons resultados. Contudo, a tendência é de que a margem de rentabilidade deste ano fique cada vez mais estreita, uma vez que são nos meses de novembro e dezembro que os preços costumam cair com mais força, ao contrário dos custos.

Novembro promete ser um bom mês para as exportações

Em um período de cotações tradicionalmente baixas, os envios brasileiros de manga aos EUA e, principalmente, à União Europeia podem colaborar com a receita de exportadores em novembro. As exportações aos norte-americanos, apesar de estarem no fim, concorrem apenas com as frutas equatorianas neste mês, fator que impulsiona os preços da manga nos portos estadunidenses. Além disso, o mercado europeu deve representar a maior parte das exportações no período. Vale ressaltar que as chances de novembro ser um mês muito positivo para as vendas à Europa são grandes. Isso porque exportadores brasileiros devem enfrentar pouca concorrência neste continente, visto que há uma janela aberta, caracterizada pelo fim da oferta de manga espanhola e pelo período que antecede a participação da competitiva kent peruana. Portanto, a expectativa é que um bom desempenho no mercado internacional possa suavizar a queda nos preços internos, que já é tradicional da época.



Preço da tommy fica praticamente estável em outubro

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela tommy atkins - R\$/kg

Fonte: Cepea





foto: Rogério Francisco Souza

Clima limita ânimos quanto à safra no RS

Chuvas elevam necessidade de pulverizações preventivas

Os preparativos para a safra de melancias no Rio Grande do Sul seguem a todo vapor. Com o plantio finalizado em outubro em Arroio dos Ratos e a previsão de encerramento em novembro em Encruzilhada do Sul, produtores têm se concentrado em pulverizações preventivas na maioria das áreas. Contudo, as chuvas no mês passado e a continuidade em novembro têm preocupado melancicultores, principalmente em relação às lavouras em fase de florada. Em Arroio dos Ratos, por exemplo, foram registrados alguns danos, que poderão reduzir a produtividade. Além disso, se a frequência das chuvas for elevada, o aumento da umidade pode elevar a incidência de doenças fúngicas, como a antracnose. Apesar destes fatores, vale lembrar que chuvas no período de enchimento são favoráveis ao desenvolvimento das frutas. As atividades de colheita devem ter início na primeira semana de dezembro em Arroio dos Ratos, e no fim do mesmo mês em Encruzilhada do Sul.

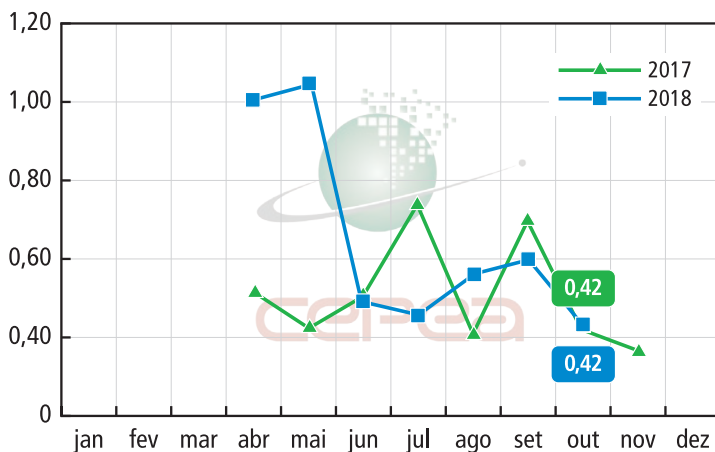
Com início da colheita em Itápolis, safra paulista segue a todo vapor

Na segunda quinzena de novembro, produtores de Itápolis (SP) devem iniciar a colheita de melancias. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a área plantada na safra principal foi semelhante à da última temporada (2017/18), com o plantio iniciado em agosto, após dificuldades no preparo da terra, devido ao inverno seco. Até o fi-

nal de outubro, o desenvolvimento das frutas tem ocorrido como esperado, sendo que as recentes chuvas permitiram o enchimento satisfatório das melancias. Assim, a expectativa é de que a produtividade alcance bons patamares na safra 2018/19. O início da colheita deve ser concomitante à diminuição no ritmo das atividades em Marília/Oscar Bressane (SP), que deve encerrar a safra no fim de novembro. Essa praça iniciou as atividades de colheita em outubro, com intensificação na segunda quinzena. Em novembro, as regiões paulistas terão como principal concorrente Teixeira de Freitas (BA), o que pode pressionar as cotações. Além da oferta elevada, os feriados deste mês poderão atrapalhar a comercialização e desvalorizar a fruta. Contudo, as altas temperaturas comuns para o mês e o menor custo logístico das melancias paulistas podem promover o bom escoamento na região.

Safra goiana finaliza com leve atraso em 2018, com produção elevada

A temporada 2018 de melancia em Uruana (GO) deve terminar um pouco mais tarde, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. Os trabalhos tiveram início em abril, com pico entre setembro e outubro, mas devem ser finalizados apenas em novembro. Usualmente, as atividades se encerrariam em outubro; porém, devido à elevada produção, algumas lavouras devem estender a colheita até o início deste mês. O clima mais quente e a menor incidência de pragas favoreceram a produtividade da fruta goiana. Além dos maiores rendimentos por hectare, a temporada 2018 deve terminar com preços acima dos custos: a média de comercialização da melancia graúda (>12 kg) em Uruana foi de R\$ 0,67/kg entre abril e outubro, 67,5% acima dos custos unitários médios. Apesar disso, produtores da região ainda estão preocupados com a rentabilidade da temporada. Isso porque os maiores preços deste ano foram registrados no início da safra, enquanto que, no pico da colheita, as cotações já estavam mais próximas dos custos de produção. Assim, melancicultores devem seguir cautelosos na próxima temporada, podendo apenas manter as áreas de produção.



Fim de safra em GO tem mesmos preços de 2017

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) em Uruana (GO) - R\$/kg

Fonte: Cepea



Sementes de Vegetais Syngenta: ciência, pesquisa e 150 anos de inovação.

Nossas sementes estão na terra e na vida das pessoas.

Uma história escrita com paixão pela inovação, traduzida em sementes com alta tecnologia, rentabilidade, produtividade e qualidade para contribuir com a alimentação do nosso país e do mundo.

Sementes de Vegetais Syngenta

+ Inovação + produtividade + qualidade



saiba mais > portalsyngenta.com.br

Qualidade
Produtividade

syngenta®



foto: Taccio Rocha - Amparo (SP)

Começa a procura por laranja da temporada 2019/20

Primeiras propostas são relatadas em SP, mas produtores estão cautelosos

As propostas de compra para as laranjas da safra 2019/20 se iniciaram mais cedo no mercado paulista, em outubro. Conforme agentes, as grandes processadoras têm ofertado valores em torno de R\$ 22,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta na fábrica, podendo contar com adicional de participação no preço de venda do suco. Produtores, por sua vez, estão cautelosos quanto ao fechamento antecipado, tendo em vista que a produção da próxima safra ainda é incerta – embora as floradas tenham sido consideradas volumosas. Assim, produtores indicam que ainda devem aguardar os próximos meses para definir se comprometerão (ou não) suas frutas. As negociações antecipadas têm sido uma estratégia das grandes indústrias desde 2016, mesmo que a safra 2017/18 tenha sido uma das maiores da história. Já na temporada 2019/20, a antecipação dos contratos pode estar atrelada à previsão de que os estoques de passagem da safra corrente devem retornar a volumes críticos em junho de 2019, conforme a CitrusBR – sendo suficientes para apenas dois meses de embarque.

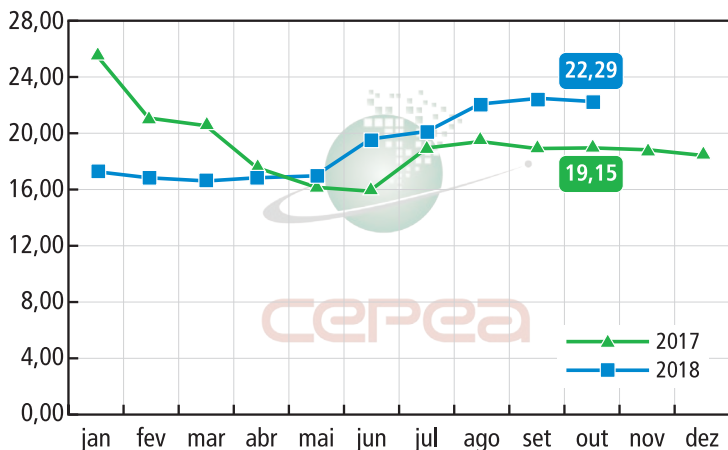
Perspectivas para a próxima safra seguem positivas

As primeiras impressões de citricultores quanto à safra 2019/20 de São Paulo e Triângulo Mineiro seguem positivas. Em outubro, chuvas atingiram

todas as regiões produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, favorecendo o “pegamento” das floradas que darão origem às laranjas da próxima temporada. Segundo citricultores, as perspectivas são ainda mais positivas nos pomares localizados ao sul do estado de São Paulo, onde o clima esteve mais favorável, e nas proximidades de Jales, onde o desenvolvimento das plantas se adiantou. Embora ainda seja cedo para estimar resultados, citricultores avaliam que as floradas foram significativas, especialmente nos pomares onde a safra 2018/19 foi mais prejudicada – já que as plantas que produziram menos estavam “descansadas” e agora geram mais flores. Contudo, o bom desenvolvimento da safra ainda depende do clima nos próximos meses.

Com clima favorável, produção na FL deve se recuperar em 18/19

Assim como no Brasil, o clima também tem favorecido o desenvolvimento da safra de laranja 2018/19 na Flórida. A primeira estimativa oficial do USDA, divulgada em outubro, indica que a produção local deve somar 79 milhões de caixas de 40,8 kg, 75,8% superior à temporada 2017/18. Após a seca registrada entre fevereiro e março de 2018, período em que pétalas estavam caindo na maioria das áreas da Flórida, as chuvas retornaram durante a primavera norte-americana (abril a junho), cenário que favoreceu o desenvolvimento das plantas. Além disso, produtores estariam adotando métodos mais adequados para a convivência com o *greening*, como melhor nutrição das plantas. Em agosto, *traders*, analistas e a consultora Elizabeth Steger já haviam sinalizado a possível recuperação da safra da Flórida, prevendo que a colheita alcance entre 65 e 80 milhões de caixas de 40,8 kg. Quanto ao furacão Michael, que atingiu o noroeste do estado no mês passado, não deve interferir significativamente no volume previsto, pois, segundo agentes brasileiros consultados pelo Hortifruti/Cepea, apenas uma pequena parte da citricultura da Flórida localiza-se nesta região. Mesmo assim, citricultores ainda devem contabilizar possíveis danos, principalmente relacionados ao encharcamento do solo.



Menor oferta eleva preço no spot

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera e tardias - R\$/cx de 40,8 kg, colhida e posta na indústria

Fonte: Cepea





foto: Diego Zaban

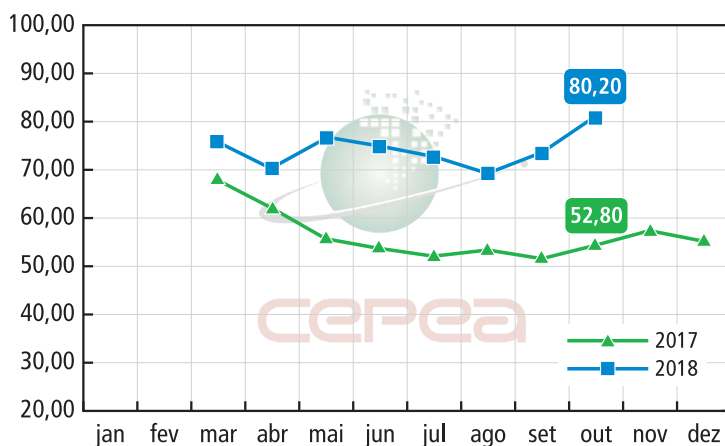
Florada mais concentrada deve favorecer nova temporada

Frutificação da safra 2018/19 deve se intensificar

Os pomares de maçãs devem entrar em frutificação nas regiões produtoras em novembro, e as atividades de raleio também devem ser iniciadas. Em meados de outubro, as regiões mais quentes – onde a plena florada ocorreu mais cedo – já haviam iniciado a frutificação, de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea. Para as demais regiões, o inverno prolongado, com número suficiente de horas de frio, atrasou a quebra de dormência com uma florada mais concentrada, cenário que deve ser positivo para safra 2018/19. Durante o período de florada, o clima na região Sul se manteve chuvoso e atrapalhou o processo de polinização por abelhas – que exige temperaturas mais altas e clima mais seco. Além disso, as chuvas levaram produtores a reaplicarem os produtos de tratamento de pomares, o que pode aumentar os custos para a próxima safra. Vale ressaltar que a expectativa para a temporada 2018/19 é de aumento de cerca de 1,2 milhão de toneladas no volume, por conta da provável recuperação da produção da variedade fuji, após a quebra de safra registrada neste ano. No entanto, já houve relatos de abortamento da gala, que pode o volume produzido esperado.

Escoamento de frutas miúdas pode impedir aumento de preços

A média de preços das maçãs deve se manter em novembro, de acordo com colaboradores do



Valorização por conta da menor oferta continua em outubro

Preço médio de venda da maçã fuji Cat 1 (calibres 80 - 110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea

Hortifruti/Cepea. Com o menor número de produtores no mercado, a expectativa era de possível aumento das cotações até o fim do ano. No entanto, o volume mais baixo dos estoques nos últimos meses levou classificadores a escoarem mais as frutas de calibre miúdo – o que pode impedir as elevações, por conta da maior pressão no mercado. É importante destacar, ainda, que a venda das maçãs de menor tamanho em novembro também é limitada por conta da proximidade com as festividades de fim de ano, quando o consumidor tende a comprar frutas mais graúdas. Outro ponto importante que deve ser ressaltado é que a qualidade das maçãs está boa, apenas com alguns relatos de rachaduras para gala e podridão carpelar para a fuji, cenário positivo para o mercado.

Vendas de sucos ao mercado interno são maiores

A proporção de sucos de maçãs frescas destinada ao mercado interno foi mais significativa em 2018, de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea. Em anos anteriores, no máximo 5% dos sucos processados permaneciam no mercado interno. Mas, neste ano, a representatividade atingiu 15% – o que deve se manter em 2019. Esse aumento no mercado brasileiro vem crescendo principalmente por conta da maior consciência a respeito da alimentação saudável. No entanto, em termos econômicos, vale destacar que ainda é mais favorável enviar os produtos ao mercado internacional, especialmente por conta do câmbio favorável. Dessa maneira, segundo a Secex, as exportações de sucos de maçãs totalizaram 16,8 mil toneladas de janeiro a setembro, valor 31% superior em relação ao mesmo período em 2017. Já a receita acumulada no mesmo período foi de US\$ 18,8 milhões. Para o próximo ano, o mercado vai depender do desempenho dos principais concorrentes brasileiros (China e Polônia), dos níveis de abastecimento e demanda dos EUA – principal consumidor da fruta brasileira –, da taxa cambial, além do volume e qualidade da produção de maçãs da safra 2018/19.

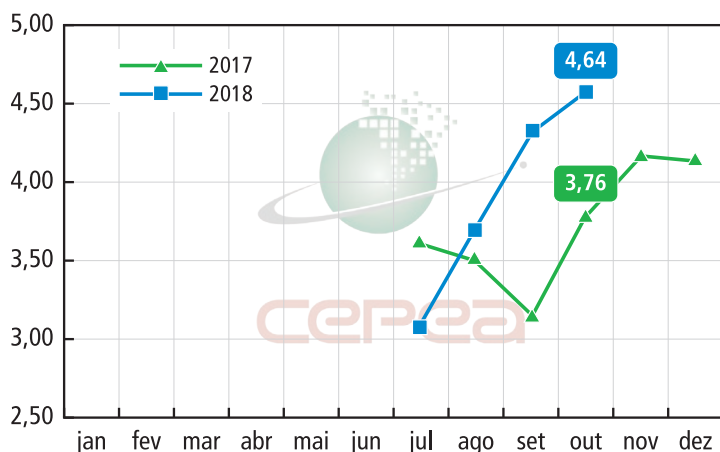




Safra paulista deve ter início com baixo volume ofertado

Safras de Porto Feliz e de Campinas se iniciam neste mês

As safras de uva niagara (rústica) do município de Porto Feliz (SP) e da região de Campinas (SP) devem ter início em meados da segunda quinzena de novembro. Apesar disso, baixos volumes da variedade são esperados para ambas as praças, o que deve elevar os preços recebidos pelos produtores que conseguirem colher neste período pré-festividades – vale ressaltar que em novembro os preços normalmente são maiores frente a dezembro/janeiro, situação que pode ser mais acentuada neste ano com a menor colheita prevista. A baixa oferta esperada é resultado das intempéries climáticas que marcaram as podas da niagara entre julho e agosto, quando foram relatados, inclusive, episódios de geada negra na região de Campinas (SP), além de fortes chuvas e baixas temperaturas em algumas semanas. Outro fator que também pode intensificar a situação, impulsionando ainda mais os valores, é o encerramento da safra de Pirapora (MG) antes do início da colheita no estado de SP, resultando em uma janela de oferta de alguns dias. Na região mineira, a produtividade na média da safra deste ano é semelhante à de 2017, ficando acima de 24 t/ha, havendo um menor rendimento no início da temporada devido ao baixo volume de chuva e um aumento a partir de setembro, com o retorno da umidade. Já para Jales (SP), a participação no mercado da rústica foi baixa nesta temporada, mas também deve se favorecer com o cenário nas últimas semanas de safra, esperadas para a segunda quinzena de novembro.



Com oferta ainda baixa, preço da niagara sobe

Preços médios da uva niagara recebidos por produtores de Jales (SP) - R\$/kg



Fonte: Cepea

Chuvas em outubro prejudicam qualidade e desaceleram colheita no Vale

As chuvas que ocorreram em parte do Vale do São Francisco (PE/BA) na segunda quinzena de outubro comprometeram a qualidade de algumas variedades da safra das uvas de mesa que estavam em ponto de colheita, como a *thompson seedless*, *timco* e *sweet globe*. Apesar da menor oferta, a menor qualidade pressionou as cotações no mercado interno, principalmente para as uvas brancas sem semente – entre a primeira e a segunda quinzena de outubro os preços caíram 9% fechando com preço médio de R\$ 7,11/kg no último período. Ainda, a menor oferta de uvas de qualidade pode comprometer os envios internacionais, principalmente para destinos mais exigentes, como Estados Unidos e Reino Unido. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, cenário semelhante ocorreu no ano passado, o que pode impulsionar investimentos em coberturas nas latadas para variedades mais suscetíveis a danos.

Exportações da Califórnia são retomadas

Nesta temporada de exportações, a Califórnia apresentou dificuldade para escoar sua produção de uvas. De acordo com o portal *The Packer*, a queda na participação californiana no mercado internacional é resultado da “guerra tarifária” ocasionada pelo presidente Donald Trump, após sobretaxar a entrada de aço importado no país. Com impostos extras, os envios de uvas frescas dos EUA foram limitados para destinos importantes, como a China, que importou 40% menos uvas californianas nesta primavera, forçando exportadores a buscarem por destinos alternativos. Apesar do cenário desfavorável, as saídas entre a segunda semana de setembro e a primeira quinzena de outubro totalizaram 23 milhões de caixas, recorde em volume exportado dentro de cinco semanas. Mesmo assim, no fechamento da safra, os valores finais podem não ser muito animadores, devido ao início turbulento.



Curta!

/Revista Hortifruti Brasil



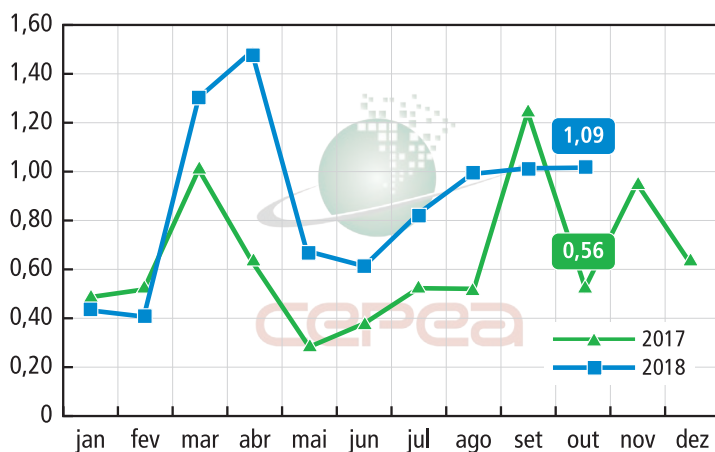
Calor acelera maturação do formosa nas roças

Feriados podem atrapalhar vendas

Apesar de as temperaturas mais altas influenciarem positivamente o consumo de frutas, em especial das tropicais como mamão, banana e manga, a comercialização de mamão pode enfrentar alguns desafios em novembro. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, os feriados durante o mês (Dia de Finados, 2; Proclamação da República, 15; e Consciência Negra, 20) devem atrapalhar a dinâmica do mercado, visto que caem em dias úteis. Além disso, a disponibilidade de formosa pode aumentar, principalmente no Norte de Minas, Oeste da Bahia e Rio Grande do Norte, devido às maiores temperaturas nestas regiões produtoras – que aceleram a maturação do mamão. Com isso, os preços desta variedade podem ser limitados em novembro. Em outubro, o comércio de mamão no Ceagesp foi influenciado pelo feriado e eleições e ainda esperando melhores cotações, estas sofreram pequena queda. Assim, o havaí tipo 15-18 foi vendido na média de R\$ 15,43/cx de 8 kg na Ceagesp, 3% menor à do mês anterior. Já o formosa teve média de R\$ 22,09/kg no atacado paulistano, queda de 13% na mesma comparação.

Colheita de roças novas pode elevar a qualidade das frutas disponíveis

Em novembro, produtores devem começar a colher mamões de roças novas em quase todas as regiões produtoras. Com isso, espera-se uma possível melhora na qualidade da fruta no período.



Este cenário já começou a ser observado no fim de outubro e acontece tanto para o havaí quanto para o formosa. Assim, o número de frutas graúdas e manchadas deve diminuir, dando espaço para mamões de calibre médio e lisos (que são preferidos no mercado). No Rio Grande do Norte/Ceará, por exemplo, a melhor qualidade das frutas disponíveis na segunda quinzena de outubro já favoreceu a comercialização, mesmo não superando os resultados de setembro. Assim, o formosa foi vendido na média de R\$ 0,89/kg e o havaí de primeira, a R\$ 1,78/kg em outubro, valores 25% e 3% menores aos de setembro, respectivamente. Destaca-se que a diminuição do volume de chuvas nas lavouras, também favorece, a qualidade, já que reduz a incidência de doenças fúngicas.

Retorno da seca pode aumentar presença de ácaro

Produtores de mamão acreditam que o clima mais seco e as temperaturas elevadas no semiárido brasileiro (devido à elevada possibilidade do *El Niño* ocorrer - 70% de chances no verão 2018/19), onde estão localizadas as principais regiões produtoras da fruta, podem aumentar a incidência de ácaro nas roças neste fim de ano. Essa praga, que é uma das que mais afeta a mamocultura, causa a desfolha das plantas – o que reduz a área fotosintética e deixa os frutos mais expostos ao sol, aumentando a ocorrência de manchas nas cascas, desvalorizando-os. Este cenário pode refletir, inclusive, no bolso do produtor, que terá de intensificar as pulverizações para controle da praga, o que pode contribuir para o aumento no custo de produção. Além disso, colaboradores do Hortifruti/Cepea relataram que, em épocas mais quentes, a presença da carpeloidia (deformação da fruta) também pode se intensificar, assim como o abortamento da florada – este último relacionado ao estresse do aquecimento e da baixa disponibilidade de água nas áreas de produção. Por isso, mamocultores do Norte de Minas Gerais, Oeste da Bahia e Rio Grande do Norte devem ficar atentos, visto que a situação hídrica é mais complicada nestas praças.



Cotações superam às de 2017

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão formosa, em R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepea





foto: Marcelo Constante - Corupá (SC)

Oferta de nanica deve aumentar antes do esperado

Clima quente pode adiantar "safra" no Vale do Ribeira

As altas temperaturas nos últimos meses do ano podem elevar a oferta de banana nanica no final do ano, alterando o calendário de colheita – a disponibilidade da variedade já aumentou levemente em outubro no Vale do Ribeira (SP), por conta do clima mais quente. Assim, apesar de bananicultores do Vale esperarem o pico de oferta entre janeiro e fevereiro de 2019, um maior volume de nanica pode estar disponível ainda em dezembro/18. Para novembro, entretanto, embora a oferta possa ser controlada, o grande número de feriados pode prejudicar as vendas, já que escolas e comércio não funcionam. Com isso, as cotações podem ser pressionadas. Em outubro, com o leve aumento da oferta e o mercado enfraquecido, os preços da nanica recuaram 18% no Vale do Ribeira, fechando com média de R\$ 0,93/kg.

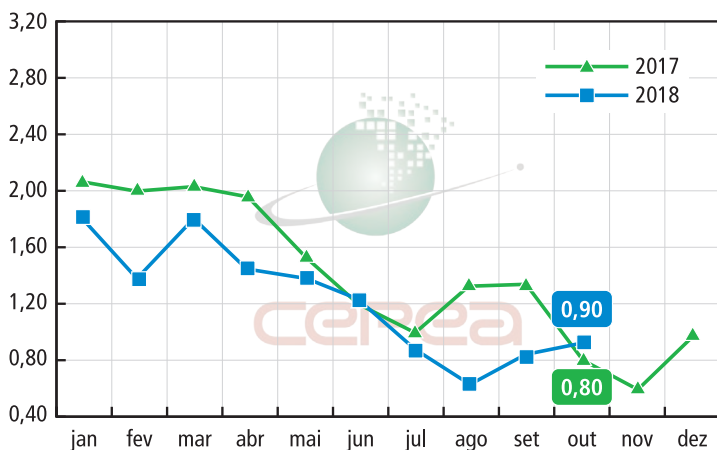
Possibilidade de *El Niño* preocupa mineiros

Bananicultores do Norte de Minas Gerais estão apreensivos com o possível cenário no próximo ano. Com as altas dos valores dos insumos – atreladas ao elevado patamar do dólar e ao aumento do valor de frete – e a estiagem que afeta a região, a área alocada à produção de banana em 2019 deve ter uma redução de cerca de 10%, de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea. Somado a isso, a elevada possibilidade do *El Niño* ocorrer

no verão 2018/19 (70% de chances) pode intensificar a seca nessa praça. O baixo volume de chuvas registrado nos últimos anos levou produtores a cogitar a migração da bananicultura para a produção de outras frutíferas, que são mais rentáveis e necessitam de menos água (como a manga). A maior competição com outras regiões produtoras também pode ser motivo para reduzir os investimentos em banana na região mineira. Em Delfinópolis (MG), por exemplo, que fica no sudoeste do estado, a bananicultura vem crescendo, apesar de recente nessa área – além da maior disponibilidade de água, essa praça está muito mais próxima dos principais centros consumidores do que o Norte de Minas Gerais. Além disso, o elevado volume de banana prata disponível no mercado nos últimos meses também pode influenciar a redução da área alocada à cultura, visto que as cotações têm sido pressionadas e encontram-se próximas dos custos estimados de produção.

Falta de adubação afeta qualidade

Assim como em outubro, a qualidade da banana deve seguir reduzida em novembro, devido ao atraso nas adubações, que, por sua vez, está atrelado ao elevado patamar do dólar, visto que a maioria dos produtos utilizados é importada – assim, a previsão é de que esse cenário permaneça nos próximos meses. Nesse contexto, as pencas ficaram mais finas, desvalorizando a fruta paulista. Por outro lado, aqueles produtores que realizaram a adubação no mês passado podem obter melhores resultados, já que o volume de chuvas aumentou no período, auxiliando o processo de absorção dos nutrientes do solo. Para o início de 2019, produtores se mostram preocupados com a possibilidade de aumento dos custos, visto que, além do dólar em patamar elevado, o clima mais chuvoso durante a "safra de nanica" pode aumentar necessidade de pulverizações. O aumento da umidade no início do ano também pode favorecer a incidência de doenças fúngicas nas roças da região, como a famosa *sigatoka* amarela.



Norte de MG tem dificuldades com menores preços ante 2017

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/kg

Fonte: Cepea





Alion®

ESTAMOS HÁ

150*

DIAS TRABALHANDO SEM MATO

**CHEGOU O PRIMEIRO HERBICIDA
pré-emergente com residual prolongado.**

- ✓ Reduz pelo menos 1 aplicação
- ✓ Otimiza a mão de obra para outras atividades na lavoura
- ✓ Amplo espectro de ação contra plantas daninhas resistentes
- ✓ Reduz os custos com maquinário, água e combustível

Alion. A revolução da sua era.



Se é Bayer, é bom



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.**



Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

*Ensaio realizado por Bayer e Fito Desenvolvimento e Produção Ltda. para Azevém, Pião Preto e Buva. Locais: São Joaquim/SC e Porto Feliz/SP.

www.agro.bayer.com.br

Soluções BASF para Uva.

Alvo: Míldio + Oídio + Ferrugem

Cabrio® Top

Alvo: Míldio

Forum®

Alvo: Oídio

Collis®

Kumulus® DF

Stroby® SC

Alvo: Cercosporia

Caramba® 90

Alvo: Míldio + Antracnose

Delan®

Protetores

Polyram® DF

Tutor®

FUNGICIDAS

REGULADOR DE
CRESCIMENTO

BIOLÓGICOS

INSETICIDAS

Dormex®

Timorex Gold®

Nomolt® 150
Verismo®

BASF HF – Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e a produtividade da sua lavoura de Uva.

BASF

We create chemistry

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



☎ 0800 0192 500

📘 facebook.com/BASF.AgroBrasil

🌐 www.agro.basf.com.br

📝 www.blogagrobasf.com.br

Uso exclusivamente agrícola. Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e os restos de produtos. Incluir outros métodos de controle do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Restrições temporárias no Estado do Paraná na cultura da Uva: Verismo® para o alvo *Cryptoblastes gnidiella*. Registro MAPA: Polyram® DF nº 01603, Tutor® nº 02908, Nomolt® 150 nº 01393, Cabrio® Top nº 01303, Caramba® 90 nº 01601, Forum® nº 01395, Verismo® nº 18817, Delan® nº 01818604, Stroby® SC nº 03198, Collis® nº 01804, Kumulus® DF nº 02418592, Timorex Gold® nº 22116 e Dormex® nº 001095.

NÃO IMPORTA
O SOTAQUE,

DE NORTE A SUL TEMOS A
CEBOLA IDEAL PARA VOCÊ!



TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXY
Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

A **Topseed Premium** conhece a nossa terra e, por isso, é líder em cebolas híbridas no Brasil.

A experiência da nossa equipe técnica, aliada às estações experimentais espalhadas pelo país, nos permitem levar ao campo variedades de alta tecnologia adaptadas para diferentes regiões.

O clima você não controla, mas suas decisões sim. Não arrisque, semeie cebolas **Topseed Premium**, líder em confiança.



LANÇAMENTO CEBOLA ROXA GAMAY F1

- Elevada produtividade
- Coloração roxa intensa (interna e externa)
- Excelente sanidade



VEJA MAIS DETALHES SOBRE NOSSA LINHA DE CEBOLAS



CURTA NOSSAS REDES **SOCIAIS**
 AGRISTAR DO BRASIL

19 3514-7330
 www.agristar.com.br

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
 Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
 tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
 E-mail: hfcepea@usp.br
 www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil